

A Memória dos 50 anos do Festival de Woodstock: Edições comemorativas em veículos de comunicação brasileiros¹

Marina Salaberri CARBONELL²
Graduada em Relações Públicas
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo

O Festival de Woodstock de 1969 foi efeito dos movimentos da contracultura, eclodidos nos Estados Unidos nas décadas de 50 e 60, que contestavam os valores e os padrões de comportamento da época. Utilizando as técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, além da análise de conteúdo, este trabalho buscou compreender conceitos e contextos relacionados ao festival, e avaliar de que forma sua memória foi retratada pela mídia brasileira nas edições comemorativas de seu cinquentenário, em 2019. Assim, sua memória cultural foi evidenciada pelos veículos de comunicação selecionados e seu legado reconhecido a partir das transformações sociais das últimas décadas, decorrentes das ideias propostas em Woodstock.

Palavras-chave

Historiografia da Mídia; Festival de Woodstock; Contracultura; Memória Cultural; Mídia;

Considerações preliminares

A comunicação precede quaisquer indícios de organização social e se faz presente em todos os acontecimentos da humanidade. Dessa forma, perceber que períodos históricos e fenômenos sociais são partes constituintes da sociedade torna crucial a compreensão e a discussão da comunicação nesses eventos. Apresenta-se, neste artigo, as possíveis relações entre o Festival de Woodstock de 1969 e sua memória, tendo como base a análise de conteúdo de edições comemorativas publicadas pela mídia brasileira em seu cinquentenário, ocorrido em 2019.

Divulgado com o nome “Uma exposição aquariana: Três dias de paz e música”, o festival foi fruto da eclosão de um movimento de contestação social e cultural, chamado de contracultura, e impulsionado pelo contexto bélico das décadas de 50 e 60. Com a ajuda dos meios de comunicação de massa, Woodstock tornou-se um marco histórico, influenciando gerações. Para esta pesquisa, as perspectivas de cultura, contracultura, memória coletiva e cultural foram abordadas e, considera-se a mídia como agente produtor da memória do festival.

Assim, foi estabelecido o seguinte problema de pesquisa: De que forma a memória cultural foi retratada nas edições comemorativas dos 50 anos do Festival de Woodstock nos veículos de comunicação brasileiros? Para responder essa questão, foram definidos os objetivos: refletir sobre

¹ Trabalho apresentado no GT Historiografia da Mídia, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Graduada em Relações Públicas, PUCRS, ninascarbonell@gmail.com.

os conceitos de cultura e contracultura, de memória e suas variantes; compreender o papel da mídia na produção de memória; evidenciar o Festival de Woodstock, seu contexto e sua memória cultural; analisar as edições comemorativas aos 50 anos do Festival de Woodstock dos veículos selecionados, com base em categorias estabelecidas para construção de memória. A seguir, são apresentados os tópicos que contemplam tais objetivos.

Um breve entendimento: Culturas e Contracultura

Com base em Terry Eagleton (2000), a cultura é definida como o conjunto de valores, crenças e costumes que constituem o modo de vida de certo grupo, sendo produto histórico de diferentes épocas, localidades e condições. Tais hábitos e práticas culturais são responsáveis pela formação de sociedades distintas e únicas, representando a pluralidade de formas de vida existentes. Apesar de suas diferenças sociais, Williams (1992) enfatiza que todas as culturas passam pelo mesmo processo: a comunicação. Ela é responsável por expressar e organizar significados comuns na fala, na escrita, em imagens e símbolos, pelos quais as pessoas de determinada cultura atribuem sentidos que são renovados constantemente. Ainda, Eagleton destaca que as culturas devem ser compreendidas como modelos sociais e culturais distintos, e não de forma hierárquica como sugere a visão científica da cultura ocidental. Essa percepção é fundamental para o entendimento da contracultura.

Para Pereira (1985), a contracultura pode ser definida de duas maneiras: um fenômeno histórico particular ocorrido nos anos 60³; ou um fenômeno mais abrangente, referindo-se à qualquer postura de crítica e de contestação frente à ordem dominante, podendo ressurgir em diferentes épocas e circunstâncias. Entre as diversas formas de manifestação das contraculturas, para Joy e Goffman (2007), os três princípios definidores são: a individualidade acima de convenções sociais, o afronte ao autoritarismo e a defesa de mudanças sociais e individuais. Ademais, são características: a generosidade, a diversidade, a espiritualidade, a partilha democrática de instrumentos, e a comunicação aberta.

Voltando especificamente à década de 60, o movimento contracultural eclodiu devido ao acelerado crescimento dos meios de comunicação de massa, que colaboraram para sua expansão aos olhos de milhares de pessoas. O fenômeno tornou-se pauta no mundo inteiro, sobretudo entre os jovens, apresentando um contraponto aos valores e padrões de comportamento da cultura convencional. Além disso, independente do lugar, a cultura jovem era simpática e sensível a todas

³ Responsável pelo surgimento do termo “contracultura”.

as lutas de grupos étnicos ou culturais que se viam em um local de marginalidade perante a sociedade ocidental. Entre eles estão os movimentos negros, gays e feministas (PEREIRA, 1985).

Festivais: Lugares de memória coletiva e cultural

A memória diz respeito às lembranças de alguém ou de um grupo, e é caracterizada por ser sempre atual, em constante evolução e vulnerável a modificações. Maurice Halbwachs (1925) defende a memória coletiva como o processo de reconstrução do passado vivido por um determinado grupo social. É individualizada, plural e não universal.

O conceito de memória coletiva é desmembrado por Jan Assman (2008) em “memória comunicativa” e “memória cultural”. A comunicativa consiste nas interações da comunicação cotidiana através da língua, sem o objetivo de ensiná-la ou transmiti-la. Em contrapartida, a memória cultural é compartilhada por um grupo a partir de um acontecimento no passado, que transmite uma identidade coletiva a essas pessoas e, com isso, visam “construir” uma memória por meio de símbolos, de modo que possa ser transmitida entre várias gerações.

A mídia é um dos principais agentes de memória, pois detém o poder de agendamento social, podendo dar maior visibilidade aos eventos. Os meios de comunicação, para Barbosa (2019), produzem as narrativas dos acontecimentos a partir de testemunhos, com pretensão a ser uma espécie de arquivo para a história, buscando a produção de uma memória válida e comum. A mídia não apenas apresenta suas versões das memórias do passado e do presente, ela as constrói globalmente.

Segundo Nora (1984), o desaparecimento de contextos reais de memória, devido às intensas transformações sociais, resultou na criação de lugares de memória que visam essa lembrança, interagindo com a dimensão histórica. Estes lugares são constituídos por memórias plurais e sua motivação é a obstrução do esquecimento, a materialização do imaterial e a reunião do máximo de sentidos no mínimo de símbolos.

Para aproximar-se do tema, Anais Fléchet (2011) investiga os festivais de música como lugares de memória, pois constituem recortes temporais caracterizados como marcadores geracionais e de convivência onde há o compartilhamento de uma série de valores, ideologias, e visões de mundo. Em seu estudo, a autora focaliza os festivais ocorridos nas décadas de 60 e 70, objetivando uma análise dos processos sócio-culturais e aspectos identitários compreendidos nesses locais de convivência.

A visibilidade internacional, adquirida a partir da divulgação desses eventos pela mídia, contribuiu para aprofundar a mensagem transmitida nos festivais, explicitando não apenas o viés contracultural, mas também a construção de uma cultura de massa. Suas existências contribuíram

para a formação e a manutenção de uma memória coletiva, tanto com a participação no próprio local do festival, quanto por meio das transmissões televisivas e produções cinematográficas para públicos nacionais e internacionais.

Festival de Woodstock: do beatnik a um marco cultural

Para compreender o Festival de Woodstock, é indispensável perceber que o século XX foi marcado por conflitos globais: duas Guerras Mundiais e, em seguida, a Guerra Fria, que perdurou inclusive durante os anos 60. Junto a isso, ocorria ainda a Guerra da Coreia, a Revolução Cultural Chinesa, a Revolução Cubana e a Guerra do Vietnã. Durante as décadas de 50 e 60, diferentes movimentos da contracultura emergiram nos Estados Unidos e ganharam visibilidade graças à popularização dos meios de comunicação de massa, enquanto que a sociedade branca estadunidense encontrava-se em um período de conformismo.

Nos anos 50, os *beatniks* são os primeiros a agir com subversão ao sistema, motivados pelas tensões da Guerra Fria, da Guerra da Coreia e pelo macarthismo⁴. Esse grupo tomava atitudes políticas de contestação como a desobediência às autoridades, embora não se envolvessem em assuntos políticos (TAVARES, 1985). Em seguida, mais politizados que os *beatniks*, surgem os *hipsters*, boêmios brancos e negros que não se encaixavam na sociedade rotineira e burocrata de escritórios e viviam nos limites da economia.

Em 1962, a demissão de dois professores⁵ da Universidade de Harvard, por pressão da CIA, resultou na publicidade involuntária de drogas psicoativas (LSD) e inspirou a rebeldia de outros professores e estudantes. A popularidade e o compartilhamento do ácido lisérgico nas comunidades de São Francisco⁶, na Califórnia, despertou nos jovens *hipsters* uma nova consciência do amor e da comunhão que transformou o fenômeno individual em um fenômeno social e interpessoal. Desde então, passaram a ser chamados de *hippies*: otimistas, que cultivavam a ideia de amor e paz, e se expressavam através de cores vivas e psicodélicas.

Neste momento, o envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã aumentou, o sentimento antibélico manifestou-se na juventude norte-americana e grandes marchas contra a guerra foram realizadas, exercendo pressão sobre o governo americano (ROSZAK, 1972). A partir de então, eventos e festivais reuniram milhares de contraculturalistas, com os objetivos de divulgar a crescente cultura *hippie* e protestar contra a Guerra do Vietnã.

⁴ Período que levou milhares de pessoas inocentes a serem perseguidas sob a suspeita de serem comunistas. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-macarthismo/>. Acesso em: 06 nov. 2020.

⁵ Richard Alpert e Timothy Leary eram professores de psicologia e realizavam pesquisas em Harvard sobre os efeitos potencialmente terapêuticos de drogas alucinógenas, como a psilocibina, substância encontrada em cogumelos alucinógenos.

⁶ Mais especificamente, nos bairros de Berkeley e Haight-Ashbury, ponto de encontro dos beatniks/hipsters.

Enquanto isso, famílias tradicionais do país debatiam sobre a eficácia da contracultura, ao mesmo tempo que criticavam o uso de drogas psicoativas, e assim mantinham uma relação de amor e ódio com os *hippies*. Embora muitos ainda não simpatizassem, a cultura *hippie* foi se espalhando, bandas de rock psicodélico dominaram as rádios e lojas de departamento passaram a vender incensos, camisas indianas e colares.

Com a expansão dos festivais, o rock psicodélico, evoluído internacionalmente, transformou-se em uma linguagem contracultural global, em concordância com as ideias de liberdade e rebeldia. Entre os festivais que tiveram a contracultura como palco, o Festival de Woodstock se destacou sendo conhecido mundialmente como um símbolo do movimento, inspirando milhares de pessoas (GOFFMAN; JOY, 2007).

Idealizado por quatro jovens, o Festival de Woodstock ocorreu entre os dias 15 e 18 de agosto de 1969, e acolheu aproximadamente 500 mil pessoas. A ideia surgiu quando Michael Lang e Artie Kornfeld propuseram a John Roberts e Joel Rosenman uma parceria para abrir uma gravadora na cidade de Woodstock. Porém, como os jovens empresários já sustentavam um estúdio em Nova York, reformularam a proposta e sugeriram a realização de um grande concerto. Neste momento, as ideias e preparativos para o festival se iniciaram e a Woodstock Ventures Inc. foi fundada⁷.

Ao encontrarem uma propriedade na cidade de Wallkill, o evento foi autorizado como uma feira de arte e música, e logo iniciaram as montagens. Faltando dois meses, devido a reclamações de moradores conservadores, a cidade proibiu a realização do festival. Em busca de um novo local, encontraram Max Yasgur, um fazendeiro que possuía propriedades na cidade de Bethel, a 160 quilômetros de Nova York. Era um campo aberto e inclinado, formando um auditório natural: exatamente o que estavam procurando. Animados, embora precisassem reconstruir tudo que montaram em meses, fecharam negócio no mesmo dia.

Na terça-feira, faltando três dias para o início do festival, os organizadores foram informados de que deveriam escolher entre finalizar a montagem do palco ou a dos portões e das cercas, pois não daria tempo. Decididos a finalizar o palco, as obras se estenderam durante todas as noites para que fosse possível realizar o festival sem atrasos. Na quarta-feira, 186 mil ingressos já haviam sido vendidos e cerca de 60.000 pessoas chegavam para montar seu acampamento. Os moradores de Bethel receberam os *hippies* de forma acolhedora, acenando e fazendo o símbolo de paz e amor.

⁷ Este relato teve como base, principalmente, o documentário “Woodstock: Três dias que definiram uma geração”, de 2019, e o filme “Woodstock: 3 Dias de Paz, Amor e Música”, de 1970.

A divulgação do evento se deu por cartazes, rádios e pelas matérias que a imprensa noticiava. O ingresso custava de 6 a 24 dólares, variando conforme a quantidade de dias que o participante pretendia ficar. Apenas a programação impressa e as camisetas da equipe organizadora com o logotipo servem de lembrança física daqueles dias. Woodstock reuniu 32 atrações, entre elas: Richie Havens; Joan Baez; Santana; Janis Joplin; The Who; Joe Cocker; Crosby, Stills, Nash & Young; Jimi Hendrix, entre outros.

Na sexta-feira, uma enorme multidão pela colina provava aos organizadores de que as cercas não seriam suficientes para conter todos. Ao perceberem que não conseguiriam cobrar ingressos e nem barrar o imenso aglomerado de pessoas, os organizadores tornaram a entrada do evento gratuita. Sabiam que perderiam muito dinheiro, mas curiosamente estavam calmos e sentiam que os portões já não importavam mais. Com atraso, os shows iniciaram. Durante a noite, a chuva começou e os organizadores sugeriram a todos que se abrigassem nas barracas até o amanhecer.

No sábado, a estimativa de 150 mil pessoas havia se transformado em, no mínimo, 300 mil. Durante a tarde, devido ao grande número de pessoas, a falta de estrutura e a escassez de remédios gerou uma crise sanitária e médica em Woodstock. O governador, embora tenha ameaçado acabar com o evento, enviou helicópteros com médicos para dar apoio. Além disso, a falta de comida também afetou o festival pela alta demanda. Com a mobilização da comunidade, helicópteros conseguiram levar doações de suprimentos até o local. Neste momento, a generosidade dos próprios participantes do evento foi imprescindível, não havia egoísmo pela comida e tudo era dividido para que todos pudessem se alimentar. Um grande espírito de solidariedade e colaboração surpreendeu e contrariou as expectativas dos cidadãos e dos meios de comunicação, que retratavam o festival como um desastre. Os shows seguiram até o amanhecer.

No domingo, fez muito calor após o show de Joe Cocker e uma tempestade torrencial interrompeu as apresentações por horas. Depois da tempestade, o público diminuiu consideravelmente, mas o festival seguiu até a manhã de segunda-feira, momento em que Jimi Hendrix finalizou o evento com sua ilustre performance. Muitos não queriam ir embora pois sabiam que voltar para a sociedade novamente seria um choque. O festival se tornou símbolo de humanidade, cooperação e amor.

Apesar de toda desordem logística de comida, saúde e higiene, nenhum problema grave foi registrado, popularizando o festival como um movimento de paz e amor. O discurso de paz e amor se transformou em atitude: 400 mil pessoas conviveram durante três dias sob condições lastimáveis e nenhum conflito ou caso de violência foi apontado. A revista *Time* relatou o evento como um dos mais significativos acontecimentos políticos e sociológicos da época, pregando uma

revolução moral por meio da proclamação de um novo conjunto de valores e rejeitando o materialismo. O festival representou um marco cultural e simbólico para as gerações posteriores, catalisou os ideais contraculturais através do rock e suas performances, e também revolucionou hábitos e crenças culturais da sociedade, não apenas norte-americana, mas mundial.

Woodstock foi considerado o auge do movimento *hippie* e do encontro de muitas ideias, mas ao mesmo tempo, foi o início do fim do sonho (pelo menos nos EUA). A década de 70 se iniciou com o desaparecimento das esperanças utópicas contraculturais espalhadas pelos meios de comunicação de massa. Apesar disso, as energias e princípios do movimento seguiram vivos, por mais que amortecidas (GOFFMAN; JOY, 2007).

Memória(s) de Woodstock: um legado

A memória divide-se em categorias de acordo com a perspectiva que se analisa e o Festival de Woodstock relaciona-se com ela em diversos aspectos. A memória coletiva, nesse cenário, se faz presente devido ao grande número de pessoas que conhece o festival por sua relevância ou socialização histórica/política. De certa forma, Woodstock também é componente ativo da memória comunicativa, que é mantida através da língua pelos indivíduos ao, possivelmente, dialogarem sobre o evento com seus conhecidos. Ainda, há também relação direta com a memória cultural, na qual um grande grupo se identifica entre si por ter participado do festival, e busca formas de imortalizar sua história e suas mensagens, a fim de repassá-las.

Os lugares de memória colaboram para a preservação dessas lembranças visando construir uma narrativa própria, reativar experiências do passado e reafirmar sua identidade coletiva, além de materializar, de forma simbólica, o evento. Em um ponto de observação na fazenda onde o festival aconteceu, há uma placa em homenagem ao evento. Ademais, próximo à antiga fazenda de Max Yasgur, há um museu que eterniza seu legado: o Centro de Artes Bethel Woods, inscrito no Registro Nacional de Lugares Históricos dos EUA, é uma organização cultural sem fins lucrativos que tem como objetivo a conservação da memória e do espírito de Woodstock⁸.

Os produtos licenciados pela Woodstock Ventures Inc. continuam a gerar vendas atualmente. Após o festival, foram produzidos discos com as músicas do festival (um álbum triplo e um duplo⁹). Em 1970, o filme “*Woodstock*” foi lançado pela Warner Bros e venceu o Oscar, sendo o principal responsável por transformar a imagem de um festival caótico em uma experiência alegre

⁸ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-mem%C3%B3ria-de-woodstock-50-anos-depois/a-50022504>. Acesso em 22 out. 2020.

⁹ “Woodstock: Music from the Original Soundtrack and More” e “Woodstock Two”, lançados em 1970 e 1994, respectivamente.

e pacífica. Além do filme e dos discos, inúmeros livros sobre Woodstock em diferentes formatos também foram publicados, inclusive álbuns fotográficos.

Os que conhecem a história de Woodstock, de imediato relacionam o festival a um espetáculo marcado pelo imenso e pacífico público, as atrações e performances icônicas, e os atos de solidariedade das pessoas e da comunidade local que tornaram este evento um fenômeno único. Além disso, não são esquecidas a chuva, a lama, a escassez médica, de comida e de higiene, e claro, as drogas psicoativas. No entanto, conforme o tempo passa, torna-se menos importante os detalhes estruturais do festival, e muito mais relevante o que as pessoas gravaram em seu DNA sobre a palavra “Woodstock”.

É indiscutível o peso e a memória cultural que o festival transmitiu e ainda transmite ao mundo, como um símbolo das mudanças que efervesceram na década de 60. Seus efeitos transcendem o esquecimento natural da cronologia e instituem uma permanência por meio de uma herança comportamental deixada pelos jovens da geração que vivenciou o movimento. Por mais que não recebam tal crédito, os hippies de Woodstock foram os responsáveis por iniciar a discussão, em 1960, sobre pautas humanitárias relevantes.

A difusão dessas pautas mundialmente pelos meios de comunicação de massa foi a grande catalisadora. Os avanços que vemos hoje, acerca da legitimidade das minorias, das pautas pela igualdade de gênero, da ecologia e das liberdades individuais, são frutos desse fenômeno. Nota-se uma ascendência expressiva de tais temáticas entre as crenças e os pensamentos das gerações mais jovens. No entanto, devido à solidificação de uma cultura materialista, competitiva e preconceituosa, ainda há muito que evoluir.

Woodstock é um marco que atesta a importância de se transmitir um legado e uma memória cultural. Deixando raízes, introduziu novos interlocutores no debate cultural e inspirou milhares de pessoas a lutar por um futuro melhor para a humanidade, com base no respeito e na generosidade, com menos violência e intolerância, maior responsabilidade ambiental, e, sobretudo, a respeito do vislumbre de diferentes possibilidades de vida.

Edições Comemorativas dos 50 anos do Festival de Woodstock

Cientes da importância da mídia na construção de memória dos fatos, os veículos de comunicação utilizam datas específicas para lembrar e historiar o passado com base em parâmetros próprios e atuais. Neste trabalho, a memória do evento foi analisada a partir de materiais produzidos em comemoração ao cinquentenário do Festival de Woodstock. Adotando a técnica de análise de conteúdo, teve como objetivo apresentar, a partir das categorias

estabelecidas, uma análise qualitativa de como os veículos brasileiros selecionados atuaram na produção de sua memória.

Inicialmente, foi realizado um mapeamento dos veículos que produziram algum material a respeito do festival no período de 01 a 31 de agosto de 2019, mês que comemorou seu cinquentenário. Para tal, foram consideradas todas as matérias, reportagens, artigos e edições especiais, totalizando 34 materiais sobre o festival. A partir disso, o critério para seleção tinha como base o tipo de material para a realização da produção jornalística. Assim, somente três veículos publicaram edições especiais (encarte) sobre os 50 anos do Festival de Woodstock, e por isso, foram selecionados: os jornais Zero Hora, do Rio Grande do Sul, O Estado de São Paulo (Estadão) e o telejornal GloboNews, do Rio de Janeiro.

A análise de conteúdo teve como base Bardin (2000), com o objetivo de destacar os conteúdos das mensagens e avaliá-los de forma sistêmica. A partir da categorização, buscou-se classificar os documentos a partir de critérios que auxiliaram na compreensão de seus significados. Para este estudo, as categorias foram estabelecidas a priori, isto é, a partir do referencial teórico apresentado. O trabalho cumpriu com as três fases para a análise de conteúdo, sugeridas por Bardin: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Dessa forma, os fragmentos retirados das edições especiais foram reunidos e aproximados conforme sua classificação. As categorias foram elaboradas, definidas e detalhadas abaixo (Quadro 1) considerando pilares relevantes para a construção da memória de Woodstock, com base nos conceitos presentes no início do artigo.

Quadro 1 - Categorias estabelecidas

Categorias	Definição
Contexto Social	Mencionado nas teorias de cultura e de memória, o contexto social diz respeito a um sistema de elementos e inter-relações que influencia e condiciona diferentes formas de atividade humana que nele se desenvolvem, sendo fundamental para o entendimento de eventos históricos. Aqui, se incluem os fragmentos que apresentam uma contextualização social, política ou cultural dos Estados Unidos e do mundo no período em que o evento ocorreu.
Contestação Social	A contestação social constitui-se na postura de crítica ou em modos de enfrentamento face à cultura convencional ou à ordem dominante do contexto social inserido. Nesta categoria, são incluídos todos os fragmentos que remetem e apresentam o sentimento contestador por parte dos atores sociais envolvidos no evento.
Identidade Coletiva	A identidade coletiva tem como base o sentimento de pertencimento ao grupo, a continuidade, e o compartilhamento de diferentes elementos que constituem o grupo unificado. Fundamental da memória, esta categoria abrange os fragmentos que se referem a elementos que constituem uma identidade coletiva dos envolvidos.

Símbolos	Os símbolos são elementos que colaboram para a caracterização, construção e armazenamento de uma memória, de modo que podem ser transmitidos entre várias gerações. Esta categoria compreende os fragmentos que apresentam símbolos do festival, desde que sejam utilizados com objetivo de conservação da memória do evento.
Transmissão Geracional	É o processo de transporte de legados, rituais e tradições entre uma geração e outra. Aspecto que faz parte da concepção pública sobre o evento e é característico da memória cultural. Para esta categoria, os fragmentos devem expor a sensação de passagem do tempo e os efeitos e transmissões propagados pelo festival.

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Para a fase de análise, as categorias constituíram os elementos que foram organizados e transformados em um metatexto, conforme Roque Moraes (2003). O metatexto visa a construção de um novo texto que se origina a partir dos textos originais e expressa as compreensões, as interpretações e os significados percebidos pelo pesquisador. O metatexto compreendido nas análises foi construído com base nos fragmentos selecionados de cada veículo e nas categorias, relacionados aos conceitos apontados anteriormente, assim como, inevitavelmente, vinculados à conjuntura da época e história do festival.

Os conteúdos analisados foram os materiais dos três veículos, dois em forma de texto, do Estadão e da Zero Hora, e outro em forma de vídeo em reportagem da GloboNews. A seguir, são apresentadas as edições especiais, seguidas dos resultados da pesquisa.

Com 10 páginas, a edição especial da Zero Hora foi publicada em 09 de agosto de 2019 e tem como título: “50 anos de Woodstock: como o festival catalisou a paz, o amor e a música”. Para a análise de conteúdo, 31 fragmentos foram extraídos, sendo categorizados: quatro em Contexto Social, nove em Contestação Social, nove em Identidade Coletiva, quatro em Símbolos e cinco em Transmissão Geracional.

A edição especial do Estado de São Paulo foi publicada em duas partes, nos dias 10 e 11 de agosto de 2019. Um dos conteúdos foi publicado em formato de infográfico¹⁰, com o título “Os 50 anos do Festival de Woodstock”, e o outro, em formato de notícia, com o título “Festival de Woodstock completa 50 anos mantendo legado musical mas sem homenagens no palco”. O infográfico, por reunir mais elementos visuais, possui 11 páginas, e a notícia, em formato de texto, cinco. Ao todo, 32 fragmentos foram selecionados, sendo: três em Contexto Social, seis em Contestação Social, cinco em Identidade Coletiva, três em Símbolos e 15 em Transmissão Geracional.

A reportagem comemorativa da GloboNews foi transmitida no dia 16 de agosto de 2019, no Jornal GloboNews Edição das 10. Com 16 minutos de duração, a edição especial Memória tem

¹⁰ Cujo objetivo é destacar o material de forma mais objetiva e fácil.

como título no G1 “Os 50 anos do Festival de Woodstock”. Foram extraídos 20 fragmentos, categorizados: quatro em Contexto Social, dois em Contestação Social, nove em Identidade Coletiva, dois em Símbolos e quatro em Transmissão Geracional.

Nota-se que o Estado de São Paulo apresentou o maior volume de fragmentos que se adequam à pesquisa (32), seguido da Zero Hora (31). As categorias mais incidentes nas edições comemorativas, em geral, foram as de Transmissão Geracional (24) e Identidade Coletiva (23). A partir de cada categoria, os resultados da análise são explicitados abaixo, e encontram-se melhor detalhados na monografia apresentada.

Na categoria de Contexto Social, tanto Zero Hora como GloboNews explicaram o cenário dos Estados Unidos na época do festival: Guerra do Vietnã, conflitos raciais e motivações contraculturais que ganhavam força naquele momento. Além disso, ambos os veículos relataram o contexto de organização e planejamento do festival, desde seu intuito inicial de se construir uma gravadora até os desafios enfrentados pelos organizadores. Por outro lado, o Estadão apresentou o contexto da época mais superficialmente. Embora identifique o evento como “símbolo da contracultura dos anos 60” e relacione-o ao movimento hippie e a um momento de transformações, não contextualizou o que foi a contracultura e suas pautas, nem aprofundou quais eram as transformações da época.

A categoria de Contestação Social se faz mais significativa na Zero Hora, que, a partir da visão de sociólogos e historiadores, conseguiu elaborar de forma aprofundada as motivações, os valores e atitudes contestadoras do público e dos hippies. No Estadão, os fragmentos dão indícios de uma posição coletiva contra a guerra e do espírito contestador contracultural, embora não expliquem seus motivos e ideais. Na GloboNews, os fragmentos da categoria deixam claro que os jovens se manifestavam contra a guerra e contra o que consideravam errado, e com o aporte das outras categorias, entende-se o viés contestador. No entanto, a reportagem não explica exatamente a que os jovens se referiam. O Estadão e a GloboNews pouco tratam sobre o movimento hippie, principal catalisador do festival.

A Identidade Coletiva foi a segunda categoria mais significativa em relação à quantidade de fragmentos. É interessante perceber os diferentes, mas pertinentes e complementares, enfoques dos veículos. A Zero Hora investigou a fundo as razões identitárias do público e dos artistas, apresentando elementos referentes às ações e comportamentos durante o evento, mas também a suas crenças e valores. O Estadão, por sua vez, focalizou os desafios e adversidades enfrentadas pelo público, considerando a coletividade compartilhada durante o evento. Ainda, tratou superficialmente sobre o lema “paz e amor” e o sentimento antibélico como características do

movimento *hippie*. A reportagem da GloboNews, nesta categoria, conseguiu transmitir o sentimento de pertencimento e identidade coletiva por meio das falas dos entrevistados, que relataram o senso comunitário presente durante o festival e deixaram clara a noção de memória local, individualizada e particular de um grupo. Os elementos dessa categoria reforçam ainda mais a memória coletiva e cultural que o festival transmite a todos que presenciaram ou conhecem sua história. Tanto nesta, como nas categorias anteriores, a Zero Hora destaca-se por ter contado com o aporte das visões de profissionais especializados no tema.

Os filmes produzidos a partir de Woodstock foram citados na categoria Símbolos por todos os veículos. O Estadão indicou as produções cinematográficas de forma geral, mencionando também álbuns, livros e a box comemorativa¹¹. Enquanto que, a Zero Hora e a GloboNews, mencionaram especificamente o documentário lançado em 1970, demonstrando sua relevância em ter influenciado o imaginário de milhares de pessoas ao redor do mundo. Outro símbolo, mencionado pelo Estadão e pela GloboNews, é a foto de capa do disco de Woodstock, na qual o casal Bobbi e Nick estão abraçados na manhã de domingo do festival, sendo referência do evento mundialmente. Por entender que símbolos são os bens mais duráveis para conservação de memória, a autora acredita que o Centro de Artes de Bethel Woods deveria estar incluído nos materiais, porém não foi mencionado por nenhuma edição.

A categoria de Transmissão Geracional foi a com maior quantidade de fragmentos e a melhor explorada. A Zero Hora reconhece o evento como referência cultural e fator fundamental nas transformações das sociedades atuais. Enfatiza, também, que seus efeitos podem ser percebidos na juventude de hoje, principalmente em relação a valores e comportamentos de liberdade individual. O Estadão, com o aporte de depoimentos pessoais de vários músicos, apresentou uma quantidade considerável de fragmentos (15) que permitem refletir sobre o significado do festival a longo prazo nos âmbitos comportamental, musical e cultural. Por outro lado, a GloboNews abordou o festival como um marco histórico e único, mas não expôs elementos relacionados a seu legado ou a transmissão entre gerações.

Em um panorama geral, é perceptível o reconhecimento da importância de Woodstock para os veículos. A Zero Hora se destacou por elementos que evidenciaram a Contestação Social e a Identidade Coletiva compartilhadas pelo grupo. No Estado de São Paulo, percebe-se que os dois formatos publicados são complementares, mas com objetivos distintos: enquanto um descreve os fatos ocorridos no festival, por vezes preconizando seus pontos negativos, o outro exalta seu

¹¹ Em 2019, a Warner Music lançou uma box de edição especial em comemoração aos 50 anos do evento, incluindo CDs com as músicas do festival, o filme documentário e outros elementos relacionados a Woodstock.

legado cultural e sua dimensão transgeracional. A GloboNews apresentou fragmentos mais significativos na categoria de Identidade Coletiva com base nos depoimentos de pessoas que, segundo Assman (2011), têm a autoridade e são os narradores dessa memória que segue sendo construída coletivamente.

As visões de sociólogos e historiadores acerca do evento foram imprescindíveis para o enriquecimento e o aprofundamento da matéria da Zero Hora, compreendendo o Festival de Woodstock desde seu cerne até repercussões internacionais e transgeracionais. Na edição do Estado de São Paulo, embora a autora perceba um enfraquecimento em relação às questões mais históricas e sociológicas, deixando este quesito na superficialidade, as entrevistas com músicos influenciados diretamente pelo festival evidenciaram a capacidade transgeracional de Woodstock, que atinge diferentes aspectos, desde artistas até comportamentos atuais. A GloboNews, por sua vez, com o aporte de imagens cinematográficas e das entrevistas realizadas, cumpriu seu papel na construção da memória cultural e coletiva de Woodstock, conseguindo demonstrar um sentimento de pertencimento por parte do grupo envolvido e a grandeza e significância do festival.

Considerações finais

O primeiro objetivo da pesquisa de “refletir sobre os conceitos de cultura e contracultura, de memória e suas variantes” foi atendido a partir dos conceitos e das visões dos autores apresentados inicialmente. Percebe-se que, com o tempo e as novas tecnologias, aspectos contraculturais como a liberdade individual, o questionamento da autoridade e as lutas humanitárias passaram a ser discutidos abertamente por milhares de pessoas no mundo.

Para “compreender o papel da mídia na produção de memória”, segundo objetivo da pesquisa, buscou-se revelar a dimensão mnemônica da mídia. Ela influencia o curso dos acontecimentos, media nossas experiências e participa ativamente na construção do mundo social, levando às pessoas um sentimento de identidade coletiva. Dessa forma, a memória coletiva é midiaticizada.

Visando o objetivo de “evidenciar o Festival de Woodstock, seu contexto e sua memória cultural”, foram apresentados fatos históricos precedentes que resultaram no evento, assim como as inúmeras situações que ocorreram durante sua organização. Ainda, foram expostos os símbolos que possibilitam a construção de sua memória nos dias atuais, produtos materiais e imateriais que atestam seu legado cultural, musical e comportamental. Para o objetivo de “analisar as edições comemorativas aos 50 anos do Festival de Woodstock dos veículos selecionados, com base em categorias estabelecidas para a construção de memória”, observou-se detalhadamente, a partir das técnicas de análise de conteúdo, quais atributos do festival foram qualificados por cada veículo e de que forma cada dimensão foi apresentada.

Por fim, o problema de pesquisa estabelecido - “De que forma a memória cultural foi retratada nas edições comemorativas dos 50 anos do Festival de Woodstock nos veículos de comunicação brasileiros?” - pode ser respondido. É possível afirmar que a memória cultural do Festival de Woodstock foi revelada nas edições comemorativas analisadas, mediante aspectos vinculados às categorias de Contexto Social, Contestação Social, Identidade Coletiva, Símbolos e Transmissão Geracional. Atentando a suas nuances, nota-se o reconhecimento do evento por parte dos jornais, compreendendo-o como um fenômeno social, político e cultural que deixa marcas em indivíduos, independente de tempo e espaço.

Este estudo contempla aspectos teóricos e metodológicos que estão em sintonia com a atividade de Relações Públicas, agregando conhecimentos que a profissão requer e é exigida. Fenômenos sociais são conectores históricos que podem e devem ser analisados a partir de seus atos comunicacionais, permitindo diferentes interpretações e contribuindo para o entendimento de nossa memória e da mídia.

Referências

ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar. Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook. Berlim: De Gruyter, 2008.

BARBOSA, Marialva C. Comunicação, história e memória: diálogos possíveis. 2019. MATRIZES, 13(1), 13-25. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1p13-25>. Acesso em: 10 out. 2020.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2000.

BARROS, Fernando. O que foi o macarthismo? Superinteressante, ed. 412, 14 fev. 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-macarthismo/>. Acesso em 06 nov. 2020.

DEL RÉ, Adriana. Festival de Woodstock completa 50 anos mantendo legado musical mas sem homenagens no palco. Estadão, São Paulo, 11 ago. 2019. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,festival-de-woodstock-completa-50-anos-mantendo-legado-musical-mas-sem-homenagens-no-palco,70002962918>. Acesso em: 10 out. 2020.

DEL RÉ, Adriana. Os 50 anos do Festival de Woodstock. Estadão, São Paulo, 10 ago. 2019. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/infograficos/cultura,os-50-anos-do-festival-de-woodstock,1023226>. Acesso em 10 out. 2020.

EAGLETON, Terry. A ideia de cultura. São Paulo: Unesp, 2000.

FLÉCHET, Anaís. Por uma história transnacional dos festivais de música popular. Patrimônio e Memória, v.7, n. 1, jun. 2011. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/205>. Acesso em 14 nov. 2020.

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. A Contracultura Através dos Tempos: do mito de Prometeu à cultura digital. São Paulo: Ediouro, 2007.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Edições Vértice, 1925.

MANSQUE, William. 50 anos de Woodstock: como o festival catalisou a paz, o amor e a música. Zero Hora, Porto Alegre, 15 out. 2019. 1 Fotografia. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2019/08/50-anos-de-woodstock-como-o-festival-catalisou-a-paz-o-amor-e-a-musica-cjz30ajk200m601qmix4cbhos.html>. Acesso em 10 out. 2020.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*. Bauru, v. 9, n. 2, p.191-211, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132003000200004>. Acesso em 14 nov. 2020.

NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.

OS 50 anos do Festival de Woodstock. G1, *Jornal GloboNews das 10*, [s.l.], 16 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-10/video/os-50-anos-do-festival-de-woodstock-7848096.ghtml>. Acesso em: 10 out. 2020.

PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade social*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ROSZAK, Theodore. *A Contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

SANDERSON, Serton. *A memória de Woodstock 50 anos depois*. Deutsche Welle, [s.l.], 15 ago. 2019. 1 Fotografia. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/a-mem%C3%B3ria-de-woodstock-50-anos-depois/a-50022504>. Acesso em 22 out. 2020.

TAVARES, Carlos A. P. *O que são comunidades alternativas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WOODSTOCK: 3 dias de paz, amor e música. Direção: Michael Wadleigh. Produção: Bob Maurice. [s.l.], 1970. 1 DVD (216 min).

WOODSTOCK: 3 dias que definiram uma geração. Direção: Barak Goodman e Jamila Ephron. Produção: Barak Goodman, Jamila Ephron e Mark Samels. Los Angeles, 2019.